

Ata da primeira reunião da Rede Brasileira de Jornalistas de Ciência

Data: 14 de março de 2018

Local: Restaurante América - Avenida Paulista, 2295 - São Paulo, SP

Participantes: André Biernath, Matheus Steinmeier, Marina Gomes, Daniela Klebis, Roxana Tabakman, Mirtes Bogéa, Elioenai Paes, Samuel Antenor, Mônica Tarantino, Ruth Helena Bellinghini, Juliane Duarte, Cristiane Pinho, Moura Leite Netto, Maurício Tuffani, Lucia Helena de Oliveira



Principais tópicos discutidos:

1. Mapeamento interno

Um primeiro ponto que foi consenso entre todos é a necessidade de criarmos um perfil das pessoas que estão na rede para saber quem são, com o que trabalham, quais os seus anseios e necessidades e como uma rede brasileira de jornalismo de ciência poderia ajudá-las a fazer seu trabalho com melhor qualidade. Para isso, vamos montar uma pesquisa via formulário Google, que será compartilhada no grupo para que todos possam responder.

Resolução: O Moura Leite Netto ficou responsável pela criação desse questionário, mas seria bom que mais uma ou duas pessoas se voluntariassem a participar desse processo. Alguém se habilita?

Comentários: eu (Fabiane Leite) posso ajudar o Moura nisso.
eu (Matheus Steinmeier) também posso ajudar.

2. Os atores responsáveis pela comunicação dentro da ciência

Uma crítica recorrente ao longo de toda a reunião foi a dificuldade que todos nós, como jornalistas, encontramos no dia a dia de nossos trabalhos ao lidar com diferentes atores que estão nessa cadeia da comunicação. Isso vai desde o cientista que não quer dar entrevista ou não sabe como lidar quando confrontado com uma pergunta, passa pelo assessor de imprensa, que muitas vezes quer apenas proteger a instituição para a qual trabalha e acaba dificultando a apuração, e termina, claro, na falta de preparo dos profissionais que estão nas redações para ler um artigo científico, entender o real valor daquela pesquisa ou saber onde procurar as melhores fontes para sua pauta. Obviamente, esse cenário não é regra, mas acontece com mais frequência ao passo que todos esses setores listados sofrem cortes de investimento (financeiro e pessoal). Precisamos refletir sobre esses pontos e o que podemos fazer para melhorá-los.

Resolução: a Juliane Duarte vai compartilhar conosco, em breve, uma análise de todos esses atores da comunicação dentro da ciência para que possamos montar estratégias e ações, como RBJC para melhorar cada um desses setores. Se alguém tiver interesse em participar, será muito bem-vindo.

Comentários:

3. Capacitação interna

Complementando o ponto dois, já apareceu como proposta a ideia de criar aulas, fóruns e palestras para que todos os colegas da rede possam se capacitar para realizar o trabalho do dia a dia de uma melhor forma. Esses cursos e workshops poderiam ser realizados pelos próprios colegas da RBJC e por cientistas indicados pelos membros do grupo. A ideia dos simpósios é fazer algo que vá desde o básico “Como ler um artigo científico por completo” a questões mais complexas (e até filosóficas) da profissão. Nosso desafio maior está em fazer chegar esses conteúdos aos membros de todo o país (talvez as transmissões ao vivo sejam uma saída) e aos colegas que ainda não fazem parte da rede e estão em cidades menores, geralmente em editorias gerais — um dia cobrem polícia, no outro, saúde. Precisamos recrutar aqueles que têm interesse em ciência para nossa rede a fim de conseguir alcançar um público bacana. A Ruth Helena Bellinghini ainda chamou a atenção para um ponto importante: o trabalho nas universidades, que em sua grande maioria não possuem cursos de extensão ou especialização em saúde. Devemos pensar também nos futuros jornalistas e estreitar nossa relação com as faculdades de jornalismo. A Mônica Tarantino sugeriu criarmos uma cartilha de boas práticas do jornalismo de ciência, que seria facilmente disponibilizada via internet.

Resolução: precisamos pensar nos primeiros cursos e nos formatos que eles teriam. Ninguém ficou particularmente responsável por essa área. Caso alguém deseje estruturar melhor esse ponto, é só avisar.

Comentários:

4. Serviço de crítica e checagem de fatos

Como bem observou Maurício Tuffani, precisamos ter uma visão crítica em relação àqueles diferentes atores da comunicação citados no item 2. Podemos criar um serviço de ombudsman para fazer essas reflexões. Nos Estados Unidos, já existem iniciativas do tipo, como [Health News Watchdog Blog](#), que possui uma régua de 10 critérios para definir se uma reportagem está adequada ou não, e o Health News Review. Num cenário em que informações científicas são contestadas a cada momento (estão aí os movimentos bizarros anti-vacina e “Terra plana” que não nos deixam mentir), é importante também combatermos as notícias falsas. O Matheus Steinmeier sugeriu que no futuro nós criemos um selo de qualidade em jornalismo de ciência dado pela RBJC. Isso seria prestigioso para os veículos que fazem um bom trabalho na área e os ajudaria a ter mais reconhecimento externo.

Resolução: outro ponto que merece ser desenvolvido e precisa de gente para estruturar e trabalhar em cima.

Comentários:

5. Pint of Science

Para quem não conhece, o Pint é um evento internacional que leva cientistas aos bares e pubs para que eles possam contar à população o que fazem no laboratório e a importância do trabalho deles. O objetivo é aproximar as pessoas da ciência e mostrar que esses profissionais não são seres de outro mundo (na maioria das vezes). A boa notícia que recebemos ontem do Luiz Almeida, pesquisador do Instituto de Ciências Biomédicas da USP e coordenador da programação do Pint na cidade de São Paulo, é que ele reservou um bar com três noites de programação dedicadas exclusivamente ao jornalismo de ciência. Para mais informações, acesse: <https://pintofscience.com.br/>

Resolução: como já tenho contato com o Luís, ele pediu que eu (André Biernath) ficasse responsável por montar a programação e chamar os possíveis palestrantes. Combinei com ele que teremos um dia sobre saúde, um segundo sobre física e astronomia e um terceiro sobre biologia e meio ambiente. Além de duas palestras sobre esses temas, em cada dia teremos um terceiro simpósio sobre o fazer jornalístico em si, em que discutiremos ferramentas que estão diretamente relacionadas ao nosso trabalho, como a infografia e a visualização de dados, a programação e outros tópicos. Caso alguém tenha alguma sugestão de palestra ou palestrante, favor entrar em contato comigo.

Comentários:

6. Intercâmbio com redes estrangeiras

A Fabíola Oliveira, que foi presidente da antiga Sociedade Brasileira de Jornalismo Científico, esteve em contato com o Wolfgang Goede, um jornalista de ciência alemão que faz parte da diretoria da Federação Mundial de Jornalismo Científico. Pelo que ela compartilhou, a federação está interessada em incentivar a criação de associações de jornalistas de ciência em alguns países da América Latina, principalmente Colômbia e Brasil (Argentina e México já tem as suas redes bem estruturadas). Aproveitando essa coincidência do interesse deles com a formação da nossa RBJC, podemos marcar uma conversa com o Wolfgang para pegar mais detalhes e

sugestões de como prosseguir com nosso grupo aqui no Brasil. Outra ideia é conversar com os líderes das redes argentina e mexicana para estreitar os laços e pegar sugestões de como seguir com o nosso trabalho por aqui.

Resolução: eu (André) e Fabíola faremos esse contato com o Wolfgang demonstrando nosso interesse e esperamos a resposta dele. Assim que tivermos novidades, compartilhamos com todos. A Roxana Tabakman também poderia fazer a ponte entre nós e nosso colegas da Argentina.

Comentários: Eu (Helen Mendes) posso fazer o contato com o pessoal da Rede Mexicana.

Pessoal, sugiro a gente marcar uma conversa com as redes nacionais de jornalistas que já deram certo e até viraram associações, a Abraji e a Jeduca.

7. Pendências futuras e recados finais

a. Local da reunião: ficou claro que a escolha de um restaurante e a disposição das mesas não foi a melhor das ideias. Para a próxima reunião, que deve acontecer no meio de abril, a ideia é encontrar um novo lugar mais silencioso e que permita uma roda para facilitar a conversa. A Mirtes Bogéa vai entrar em contato com alguns hospitais da região da Avenida Paulista para ver se eles podem ceder uma sala para nós por algumas horas da noite.

b. Reuniões em outras cidades: assim como tivemos esse encontro em São Paulo, precisamos fomentar reuniões entre os jornalistas de outros locais que fazem parte da rede. O pessoal de Curitiba e do Rio de Janeiro está bem articulado e poderia montar essas mesmas ocasiões para discutir os desafios locais e compartilhar com todo mundo posteriormente.

c. Grupo de e-mails: alguns colegas sugeriram fazer uma lista de e-mails para facilitar a troca de informações e o envio de releases. Podemos ver através da pesquisa de mapeamento dos membros qual a preferência da maioria. Também não há problema em seguir com o grupo no Facebook e fazer a lista de e-mails. Eles são complementares.

d. Chamar mais colegas: precisamos incluir mais gente na rede, especialmente de cidades do interior do Brasil. Mas como podemos fazer isso? Um primeiro passo é revisar nossos próprios amigos no Facebook e incluir aqueles que ainda não estão por lá e tenham interesse em participar.

Comentários: sugestão, definir prioridades. Acho que cursos e eventos, por exemplo, só farão sentido quando formos uma rede sólida. Abraços.